

Etéocles de Eurípides: tática militar ou preconceito étnico?

Evandro Luis Salvador (UNESP/FCL Araraquara)

RESUMO: A proposta deste trabalho é discutir uma passagem específica da tragédia euripídiana *As Fenícias*, que narra o duelo entre dois irmãos, Etéocles e Polínicos, pela disputa do trono de Tebas. A passagem é controversa porque delinea um suposto preconceito étnico que norteou a interpretação da crítica textual na Antiguidade. Com o apoio dos manuscritos antigos e da crítica textual moderna, poderemos entender que se tratava, apenas, de uma artimanha de combate aprendida num intercâmbio regional.

Palavras-chave: Eurípides; Etéocles; Tessália; intercâmbio; luta.

Introdução

Diz-nos Aristóteles, na *Poética* (1453a 19), que as melhores tragédias são aquelas que versam sobre algumas poucas famílias, tais como as de Édipo, de Orestes, Meleagro, Tiestes etc. De fato, a julgar pelo espólio dos três grandes dramaturgos atenienses do século V a. C., um dos temas consolidados pela tradição épica e preferido dos poetas é aquele que narra a saga da linhagem dos Labdácidas, da qual descende Édipo. Sendo assim, Ésquilo escreveu *Laio*, *Édipo* e *Os Sete contra Tebas*; Sófocles, *Rei Édipo*¹, *Antígona* e *Édipo em Colono*; e Eurípides, *As Fenícias*. Não sabemos muito sobre as duas primeiras peças de Ésquilo, pois herdamos delas apenas fragmentos, mas podemos inferir, pelo título do drama, que Ésquilo teria abordado a primeira e a segunda gerações da linhagem nas duas primeiras obras. Por outro lado, em vista do que se produziu em aproximadamente três séculos de dramaturgia e o que foi perdido no processo de transmissão da cultura grega, é bem provável que outras tragédias e outros dramaturgos se tenham voltado para este tema.

Independentemente do viés estilístico, ético ou religioso escolhido pelos dramaturgos para enquadrar os dilemas e a sucessão de catástrofes que circundaram os membros da linhagem dos Labdácidas, fato é que, em todos os três, a linhagem amaldiçoada termina com o mútuo fratricídio: Etéocles e Polínicos, filhos de Édipo, travam uma luta mortal e, assim, extinguem a própria linhagem.

No entanto, o único dramaturgo a explorar detalhada e largamente o combate entre os irmãos, à maneira dos combates narrados em Homero², foi Eurípides. E foi exatamente por um detalhe decisivo que o combate entre os irmãos encaminhou-se para seu fim, pois Etéocles usou de uma técnica muito famosa na Antiguidade para ferir gravemente seu irmão. E essa técnica foi obtida mediante um contato cultural de cunho militar, mais especificamente uma

¹ Sobre esta tragédia e as múltiplas abordagens do mito edípico, é oportuno destacar um livro inteiramente dedicado ao tema: *O enigma em Édipo Rei e outros estudos em teatro antigo* (1985). Para uma visão diacrônica do mito dos Labdácidas e a sua abordagem trágica, conferir o artigo “O mito dos Labdácidas na tragédia grega: a maldição de Édipo”, de Filomena Hirata.

² Garner (1990) realiza uma profunda anatomia das alusões da épica homérica e suas infiltrações nas tragédias gregas. Romilly (1998, p. 73-82), por seu turno, compara a narração de cenas de combate em Homero e na tragédia.

técnica de luta aplicada na refrega entre hoplitas, tal como verificado em uma passagem d'*As Fenícias*.

A proposta deste trabalho é interpretar essa tática e analisar a sua eficiência pragmática, trazendo também à tona uma expressão que refletiu, em certo sentido, um preconceito regional em relação aos tessálios, devido ao estigma cultural nutrido contra eles por alguns escritores e pelos escoliastas da Antiguidade. Por outro lado, foi graças a um intercâmbio estabelecido com a Tessália que Etéocles, de Tebas, pode golpear com eficiência seu irmão Polinices que, apesar de ter se exilado em Argos, não buscou meios de aprimorar sua técnica militar a ponto de antever o golpe do irmão, perecendo, assim, por ignorância, podemos dizer.

1. Narrativa do combate, tática militar e estigma étnico

Conforme Dover (1977, p. 83), “(...) a convenção dramática estipulava que a violência física não devia ser mostrada em cena. Os gregos preferiam descrevê-la num discurso narrativo feito por um mensageiro (...)”. As lendas heróicas de que os poetas se serviram para compor seus dramas³ estão repletas de assassinatos, traições torpes e suicídios. Assim, quando Etéocles e Polinices travam um combate singular que culmina no mútuo fratricídio, eles não se matam no palco, mas é um mensageiro que vem relatar aos espectadores (Creonte, irmão de Jocasta e tio dos mortos, e a audiência teatral propriamente dita) a notícia trágica da morte dos filhos de Édipo.

Do ponto de vista da economia dramática, o duelo narrado pelo segundo mensageiro vem na esteira da convicção de que a salvação da cidade estava garantida, pois Meneceu, filho de Creonte, havia se sacrificado em benefício da cidade, conforme a profecia do adivinho Tirésias expressa em episódio anterior. Desse modo, a narrativa do duelo singular pode ser desenvolvida sem contratempos e recebe toda a atenção dramática⁴.

Do ponto de vista de sua forma e conteúdo, a narrativa de combate entre os dois irmãos amaldiçoados tem claras ressonâncias das narrativas e relatos de combate contidos na *Iliada*, de Homero, mas, diferentemente da narração na épica

(...) o relato da tragédia resolve uma espera ansiosa, dirige-se a pessoas comovidas. É feito por alguém que compartilha da emoção delas, sentindo essa emoção tanto mais vividamente por ter acabado de participar da ação, ou pelo menos por ter acabado de assisti-la.
(ROMILLY, 1978, p. 79)

O relato do combate entre os irmãos amaldiçoados pelo pai, em Eurípides, vai além dos motivos homéricos e estabelece uma pequena paródia com o duelo entre Ajax e Heitor na *Iliada* (XIV, v. 402-20). Vendo que Heitor estava levando vantagem sobre os Aqueus, Ajax se encaminha para a refrega, momento quando Heitor dispara sua lança e ela finca na intersecção de dois boldriés, na altura do peito, sem, contudo, ferir-lhe a carne. Heitor decide, então, se retirar do combate e voltar para a linha troiana, mas o herói grego, segundo na hierarquia dos mais excelsos combatentes, observando o recuo de Heitor, lança uma enorme

³ Conferir Burian (1997) e Sommerstein (2005).

⁴ São destinados aproximadamente 123 versos para narrar o confronto dos dois irmãos. Se somarmos a essa narrativa uma outra narrativa em que os preparativos são trazidos à tona, teremos 320 versos de narração de combate. Numa tragédia que tem 1776 versos, isso corresponde a pouco mais de 20% da tragédia.

pedra sobre ele, dentre as que serviam para calçar um dos navios (que tomba no terreno), a qual encontra o peito do herói troiano, fazendo-lhe rodopiar e cair no chão, ao que é imediatamente resgatado pro seus companheiros.

No duelo d’*As Fenícias*, Polinices fincou a lança na coxa de Etéocles, que devolveu o golpe fincando sua lança no ombro de Polinices. Mas a lança se quebrou com o impacto, de modo que Etéocles ficou sem uma importante arma. Então ele pegou uma rocha e jogou na direção de Polinices, quebrando-lhe a lança. Os dois estavam feridos sem gravidade aparente e desprovidos de suas respectivas lanças. Sacaram das espadas e o combate passou ao segundo estágio. O mensageiro narra o seguinte:

καί πως⁵ νοήσας Ἐτεοκλῆς τὸ Θεσσαλὸν
 ἐσήγαγεν σόφισμ’ ὀμιλῖαι χθονός.
 ἐξαλλαγείς γὰρ τοῦ παρεστῶτος πόνου,
 λαῖον μὲν εἰς τοῦπισθεν ἀμφέρει πόδα, 1410
 πρόσω τὰ κοῖλα γαστρὸς εὐλαβούμενος,
 προβάς δὲ κῶλον δεξιὸν δι’ ὀμφαλοῦ
 καθῆκεν ἔγχος σφονδύλοισ τ’ ἐνήρμοσεν.
 ὁμοῦ δὲ κάμψας πλευρὰ καὶ νηδὺν τάλας
 σὺν αἵματηραῖς σταγόσι Πολυνείκης πίτνει⁶. 1415

*E de algum modo, após ponderar a tática tessálica,
 adquirida de um intercâmbio com a região, ele a aplicou:
 retirando-se do raio de ação da luta,
 ele retrocede o pé esquerdo, 1410
 sem contudo desguarnecer a cavidade do ventre,
 para depois avançar a sua perna direita
 e fincar sua espada no umbigo do irmão, parando-a nas vértebras.
 Polinices arcou o tronco até o estômago
 e o infeliz tombou vertendo sangue⁷. 1415*

⁵ O mensageiro inicia seu relato com incerteza quanto a determinado aspecto. Ele oferece a sua interpretação usando um advérbio modalizador enclítico (πως, “de algum modo”, “de alguma maneira”) com o participio aoristo do verbo νοέω, conectando-o a Etéocles: πως νοήσας. Amiech (2004, p. 538) entende que o mensageiro crê que “Étéocle a subitement eu l’idée de ce qu’on appelle en lutte la ‘ruse thessalienne’”. Mastronarde (1994, p. 541) entende que “the messenger knows how Et. would know of this trick, but cannot say how the idea came into Et.’s mind at this moment”. As duas interpretações são distintas. A primeira crava que a aplicação da técnica foi instantânea e súbita. Mas o participio aoristo de um verbo de intelecção invalida essa interpretação. Uma terceira opção vem de Medda (2006, p. 271): “E per qualche ragione Eteocle pensò all’astuzia tessala (...)”. Estou de acordo com Mastronarde neste sentido: uma tática foi usada, mas o momento em que ela foi concebida não é preciso (o mensageiro não é onisciente, como pressupõe a interpretação de Amiech) significando que Etéocles estudou, na medida do possível, durante os momentos tensos do combate, a viabilidade da aplicação dessa tática tessálica. E após a consecução do pensamento ele a aplicou no combate e feriu o irmão.

⁶ O texto grego foi editado por Gilbert Murray (1913) e extraído do site *Perseus Digital Library*.

⁷ A tradução é minha e não há nela qualquer pretensão poética. É uma tradução semântico-acadêmica.

A expressão τὸ Θεσσαλὸν/σόφισμα rendeu bastante discussão desde os manuscritos e escólios antigos⁸ (cito aqui os da primeira família, reunidos entre os séculos II e VI: o *Parisinus 2713* e o *Marcianus Venetus 471*, ambos do século XII; e o *Vaticanus 909*, este do século XIII) que afirmavam que os habitantes da Tessália eram ardilosos eticamente (ποικίλοι τὰ ἦθη), isto é, não tinham retidão de caráter, tampouco pensamentos corretos, de modo que não se podia confiar num habitante vindo dessa região. O preconceito étnico era generalizado a ponto de ter se tornado proverbial (παροιμία) entre os gregos.

Amiech (2004, p. 539) recupera o estigma antigo relativo aos habitantes da Tessália e afirma, categoricamente, que “les Thessaliens avaient une reputation de perfidie. Puis diverses anedoctes illustrent la vérité de cette affirmation générale concernant tout un peuple”, e uma dessas anedotas é atribuída a Simônides de Céos (séculos VI-V a. C.). Esse poeta é considerado o primeiro a reformular e aprofundar o estatuto da poesia desde Homero, criando uma teoria estética sobre este ofício, o qual passa a não ter mais origem na inspiração divina. Simônides confirma a dimensão enganadora do ofício poético no sentido de criar emoções a partir de um enredo fictício. Contudo, indagado sobre o motivo pelo qual ele não conseguia, através da poesia, ludibriar os tessálios (τί δὴ μόνους οὐκ ἐξαπατᾷς Θεσσαλούς), Simônides teria respondido da seguinte maneira: “porque são demasiadamente ignorantes para serem enganados por mim (ἀμαθέστεροι γὰρ εἰσιν ἢ ὡς ὑπ’ ἐμοῦ ἐξαπατᾶσθαι), ou seja, “il faut un minimum d'intelligence, de sensibilité et d'intuition pour saisir et apprécier la fiction poétique” (Groningen, 1948, p. 3), o que significa dizer que os tessálios são toscos a ponto de serem insensíveis em relação ao efeito sedutor da poesia.

Na comédia *As Nuvens*, de Aristófanes, encenada em 423 a. C. na cidade de Atenas, Sócrates recebe um aluno chamado Estrepsíades e tenta ensiná-lo na arte da sofística, da artimanha discursiva com o propósito de ludibriar seus credores e, assim, ficar livre das dívidas que tanto o atormentam e que motivaram a ida dele ao pensatório de Sócrates e de seus discípulos. Após uma série perguntas e respostas, nos versos 749-50, Estrepsíades fornece uma solução “pragmática” e um tanto mirabolante, mencionando e envolvendo a região da Tessália em seu plano:

γυναῖκα φαρμακίδ’ εἰ πριάμενος Θετταλῆν
καθέλοιμι νύκτωρ τὴν σελήνην⁹ (...)

*Se eu comprasse uma mulher feiticeira da Tessália
e, durante a noite, puxasse a lua para baixo*¹⁰ (...)

De acordo com a nota ao texto traduzido, Starzynski (1972, p. 205) esclarece que

(...)os tessálios apregoavam que Medeia havia perdido a caixa de drogas em seu território, cujas ervas, desde então, se tornaram dotadas de poderes mágicos. As mulheres da Tessália tinham fama de espertas

⁸ Cf. Amiech (2004, p. 538-9).

⁹ Passagem extraída do site *Perseus Digital Library*. O texto é estabelecido por Hall & Geldart (1907).

¹⁰ A tradução é minha.

em arte de bruxarias gabando-se até da habilidade de puxar a Lua para baixo do céu.

Medeia, vale lembrar, era a famosa feiticeira de Iolco, conhecida na mitologia grega por seus feitiços e por levar a vingança às suas últimas consequências, sempre contando com seus truques mágicos. Na tragédia que leva seu nome e dramatizada por Eurípides, Medeia assassina a filha do rei de Corinto, que seria a esposa de seu ex-marido, e, não satisfeita com a vingança pelo ultraje a que teria sido submetida pelo marido, assassina os próprios filhos, num esquema brutal de vingança que encavala uma série de assassinatos.

No dicionário, a expressão Θεσσαλὸν νόμισμα significa “moeda tessálica”, mas, por derivação de sentido negativo, provavelmente alavancado pela fama adquirida na Antiguidade clássica, uma “moeda falsa”.

O substantivo σόφισμα, por seu turno, auxilia na construção entre os antigos dessa pecha de desonestos atribuída aos tessálios. Esse substantivo, em sua origem, não denotava um sentido negativo. No entanto, a semântica do termo sofreu alterações com o tempo, passando a adquirir um sentido pejorativo. Quando se queria classificar um discurso de artificioso, um discurso aparentemente verdadeiro, mas essencialmente falso, o substantivo σόφισμα se ajustava perfeitamente ao caso.

Então temos a composição de um sintagma altamente negativo. E Etéocles, dizem os manuscritos *Marcianus Venetus 471* e *Vaticanus 909*, serviu-se do sofisma e do engano tessálico para ferir seu irmão. Mas no que consiste essa “trapaça”? O mensageiro explica adiante qual foi o procedimento de Etéocles durante o combate com Polinices, procedimento este que resultou num golpe quase fatal.

Bortwhick (1970, p. 15-21) escreveu um artigo que explica mais detalhadamente essa “trapaça” e, ao mesmo tempo, exime os habitantes da Tessália dessa pecha de desonestos que adquiriram na Antiguidade. Pelo menos no caso dessa “trapaça”, que, na verdade, em contexto militar, tem o sentido de “tática”.

Borthwick (1970, p. 18) afirma que “(...) in combat with sword and shield, the normal attitude for the right-hander is to advance the left leg and shielded left arm defensively, while the right arm and leg will thrust forward with additional force when the time is opportune to strike an attacking blow”. Etéocles, conforme o mensageiro diz, estudou a aplicação da tática tessálica que consistiria em recuar a perna esquerda, como se fosse mudar de lado, protegendo naturalmente seu ventre com o escudo. Isso teria forçado Polinices a avançar para encurtar o espaço ou trocar de lado também, momento em que ele se descuidou e desguarneceu o ventre. Em uma fração de segundos, Etéocles completa o recuo da perna esquerda e, imediata e rapidamente, avança a perna direita e encontra seu irmão desprevenido, fíncando a espada no umbigo dele, que arca vertendo sangue. Etéocles serviu-se de nada mais do que um jogo de pernas para ludibriar a atenção do irmão enquanto recompunha sua posição por conta dos movimentos calculados de Etéocles.

A explicação de Bortwhick, mais detalhada, assenta-se na transferência de uma estratégia convencional e bastante conhecida da luta grega em que um oponente procura levar vantagem sobre o outro através de um jogo de pernas que confunde o adversário na adoção ou na adaptação de uma nova postura. Nesse rearranjo, o oponente se descuida e leva o golpe. As lutas modernas, como Karatê, Boxe, mas sobretudo o Tae Kwondo, só para citar algumas, trabalham esse jogo de pernas para desestabilizar os adversários. Bortwhick

sustenta que Etéocles transferiu uma tática/técnica de luta sem armas para uma luta entre hoplitas, com escudo e espada.

Na esteira de Borthwick, que exime os tessálios da fama de desonestos, Mastronarde (1994, p. 542) apoia-se na construção sintática dos versos e no uso que o idioma grego faz da disposição do artigo na frase, dependendo do efeito desejado, para sustentar que “the article shows that this is a specific, familiar manoeuvre, not a generalizing use of the ethnic adj. for any species of trickery”, isto é, o adjetivo (Θεσσαλὸν) está em função atributiva (entre o artigo τὸ e o substantivo σόφισμα), mostrando que a expressão τὸ Θεσσαλὸν σόφισμα não pode ser um estigma dos tessálios, quer dizer, a expressão não pode ser entendida como uma generalização étnica para qualquer espécie de trapaça, como se toda trapaça conhecida na Hélade tivesse tido sua origem na Tessália. Para ser entendido dessa forma, o adjetivo deveria vir em função predicativa (τὸ σόφισμα Θεσσαλόν). O sintagma claramente aponta para uma manobra particular e específica.

O plano adotado por Etéocles está associado, segundo supõe Borthwick, a algum lutador famoso da Tessália. Em um ambiente *agonístico* em que os gregos estavam habituados, é de se supor que táticas e técnicas de lutas se tornassem familiares em jogos pan-helênicos. Gardiner (1904, p. 14-5) sustenta que a luta (wrestling) era tão popular na Grécia, desde a era arcaica, que regiões emprestavam seus nomes para “batizar” determinada técnica ou estilo, como por exemplo, “the thessalian chip”, “the sicilian style”. Tejada (2004), por seu turno, sustenta que a importância dada pelos gregos aos combates, seja em contexto militar ou de competição, levou à criação de tratados e a adoção de termos específicos nessa esfera, como o tipo de golpe que levaria o oponente à queda. Vale ressaltar que, na Atenas clássica, a frequência ao ginásio era parte integrante da educação dos cidadãos.

Percebemos até então que a Tessália era uma região bastante fértil em estratégias de combate a ponto de ter mais de um sintagma relacionado ao wrestling. A vantagem tática e técnica que permitiu a Etéocles ferir seu irmão com mais profundidade adveio da introjeção de um estratagema familiar presumível, porém específico da Tessália. O único que não estava familiarizado com esse tipo de dimensão era seu irmão Polinices. Alguém poderia contra-argumentar: mas se é uma tática muito comum e familiar, porque o mensageiro explica em que ela consistia logo em seguida?

Devemos entender que a tal tática é conhecida entre lutadores e/ou guerreiros. No *tête-à-tête* de um combate, valendo a vida ou não, cada combatente usa dos artifícios que encontra à mão para subjugar seu oponente e o mensageiro está narrando o conflito para Creonte, que não é lutador e muito menos um hoplita. E para a audiência ateniense, o que é mais importante. É plausível, então, que o mensageiro explique uma manobra relativamente conhecida para quem não tem familiaridade com o termo. Afinal de contas, quem não é lutador não tem obrigação de se familiarizar com o termo. E de onde veio essa familiaridade?

O mensageiro explica a adoção dessa tática tessálica de combate por Etéocles com a seguinte expressão: ὀμιλίαι χθονός. Essa expressão também causou controvérsias e é uma pena que Borthwick, após decifrar mais exatamente o estratagema de Etéocles, não tenha se dado conta disso. Para Borthwick (1970, p. 21), a expressão significa “through his familiarity with the terrain”, ou seja, Etéocles aplicou a tática tessálica porque conhecia o terreno em que ele e o irmão estavam combatendo. Borthwick toma o substantivo χθών no sentido primário de “terra”, “solo”, “superfície”. Conhecendo, então, a arena em que combatiam,

Etéocles pôde aplicar a tática com êxito. Mas essa interpretação não procede porque, nos versos 1390-91, o mensageiro mencionou que Etéocles tropeçara em uma pedra e desguarnecera a coxa e, por esse desconhecimento do terreno, Etéocles foi ferido por Polinices. Então, se conhecesse o terreno, Etéocles deveria saber da existência de imperfeições ou irregularidades no solo, presentes no momento do combate, que pudessem se tornar obstáculos para sua glória particular, fato desmentido pelo mensageiro.

A expressão ὀμιλίαι χθονός, dicionarizada, acena também para um outra interpretação: a de um intercurso, seja sexual, ou de outra natureza. O genitivo χθονός restringe e qualifica a qual tipo de intercurso a expressão se refere. Pela proximidade com o sintagma τὸ Θεσσαλὸν/σόφισμα, a interpretação da passagem acena para um intercâmbio que Etéocles estabeleceu, em algum momento de sua vida, com a Tessália, e foi lá que aprendeu essa tática de combate, provavelmente observando lutadores locais. Seria normal para uma família aristocrática manter a instituição social da hospitalidade com outras famílias aristocráticas. Essa interpretação relativa ao intercâmbio é seguida por quase todos os comentadores do texto de Eurípides, exceto Borthwick. É a interpretação que mais favorece ao enriquecimento interpretativo da passagem, pois aponta para a instituição social da hospitalidade que, aliás, é amplamente difundida desde os tempos micênicos.

2. Uma breve nota sobre a instituição da hospitalidade

Considerada uma das mais importantes instituições nos âmbitos religioso e social, a hospitalidade permitia que uma família aristocrática de determinada região visitasse outra família igualmente aristocrática de uma região mais distante. O termo que regula essa interação é ξενία (hospitalidade) e o substantivo ξένος é empregado em duplo sentido: ao estrangeiro/hóspede e ao anfitrião. As duas pontas dessa relação hospitaleira são protegidas pela autoridade máxima de Zeus. E a ambos cabe a obediência a determinadas regras, governadas por uma etiqueta específica.

Sendo assim, o anfitrião deve prover uma recepção adequada à situação, desde os gestos específicos de saudação, quanto à oferta de comida, banho, entretenimento, jogos; somente depois dessas práticas é que se pergunta a sua origem e a sua necessidade e, na despedida, oferece-lhe um presente. O estrangeiro/hóspede deve tratar o palácio com extremo respeito. A consolidação dessa relação de hospitalidade cria laços, alianças e proteção, e é projetada para os descendentes que poderão ser hóspedes ou anfitriões. Pelo contrário, transgressão das normas hospitaleiras cria inimizade e guerra.

A *Odisseia*, de Homero, está quase toda ela assentada nas ocorrências de hospitalidade, seja consolidando essa prática, seja transgredindo tal instituição. Como transgressão, podemos citar o episódio em que Odisseu e seus companheiros aportam na ilha de Polifemo e, desprezando completamente a etiqueta do hospitaleiro, Polifemo devora alguns companheiros do herói itacense, que vai gerar uma reação em cadeia (Polifemo tem seu único olho perfurado), culminando no ódio de Posídon contra Odisseu, pois Polifemo é filho do deus do mar. Além desse episódio relativamente curto, em que as leis da hospitalidade não são devidamente observadas por uma das pontas, a maior perversão dessa instituição está no palácio do herói itacense, pois os pretendentes à mão de Penélope, sua esposa, são nobres que pilham e desidratam o patrimônio físico do herói ausente, insultam seus criados, filho e esposa, e se recusam a sair das dependências do palácio mesmo com os constantes pedidos de Telêmaco e Penélope. Essa longa cena de transgressão da hospitalidade é retoricamente

trabalhada para justificar o retorno de Odisseu e a sua conseqüente vingança, retomando, enfim, o controle absoluto do que lhe tinha sido pilhado.

Um dos mais longos episódios de consolidação e observação das leis da hospitalidade está na corte do rei Alcínoo, quando Odisseu, ainda incógnito, é recebido pelos feácios. Dentre as inúmeras etiquetas que regem a hospitalidade na corte de Alcínoo estão os jogos atléticos (no **pugilato, na luta**¹¹, no salto e na corrida), em que os nobres são convidados a entreter o hóspede nas competições mais diversas e, eventualmente, incorporam o hóspede nessa espécie de confraternização, apesar do contexto evidentemente competitivo em que as habilidades atléticas e técnicas são demonstradas como sinal de excelência. Muito além disso, porém, está o objetivo de se prover os jogos atléticos para o hóspede: fazer a publicidade externa do tipo de atletas que determinada região forma. Odisseu mostrou sua habilidade e todos ficaram estupefatos com a performance do herói desconhecido em meio ao contexto agonístico que tomou lugar em uma imensa etiqueta de hospitalidade.

3. Considerações finais

Para finalizar essa breve reflexão, é de se notar que o mensageiro narra o duelo entre os irmãos *a posteriori* e, ao caracterizar determinado momento do combate entre eles, recorre a uma região não-ateniense para qualificar um substantivo, atribuindo a ele um suposto(?) preconceito étnico que era proverbial na Antigüidade clássica, em um julgamento que não foi levado em consideração pelos destinatários nos momentos subsequentes (talvez porque eles conhecessem o pressuposto étnico), mas que rendeu comentários extensivos nos escólios dos manuscritos antigos com o intuito de explicar o significado da expressão “tática tessálica”. A explicação dos manuscritos assentava-se no estigma negativo que acompanhava os tessálios, mas que, conforme vimos, refere-se a uma técnica de luta característica dos lutadores da região. Substantivo e adjetivo estão isentos, portanto, do preconceito étnico que o estranhamento entre regiões e culturas comumente criava. Nesse sentido, um intercâmbio se mostrou frutífero do ponto de vista pragmático. O único que não estabeleceu o intercâmbio com a Tessália foi Polinices, que quase pereceu no combate por desconhecer a famosa tática/técnica tessálica.

Nessa perspectiva de intercâmbio de culturas, regiões e dialetos, os dramaturgos atenienses reverberam os mais variados aspectos da alteridade. Para citar um exemplo que transcenda o já abordado, na tragédia *Os Sete contra Tebas*, de Ésquilo, representada em 467 a. C., um mensageiro vem igualmente relatar a luta entre os dois irmãos, Etéocles e Polinices, mas ele é bem sucinto e menciona a Cítia, um lugar não-heleno, como procedência do aço usado na composição das espadas empunhadas pelos irmãos; metaforicamente, no dicionário, o adjetivo significa “áspero”, “rude”. Heródoto destina uma parte de suas *Histórias* sobre os Cítas, povos iranianos e nômades, incapazes de fincar raízes e criar costumes políticos. Um lugar notadamente selvagem. Interessante notar que aspectos da alteridade criam opções linguísticas, notadamente funcionando como adjuntos adnominais. Como já foi mencionado a Cítia, uma forma de se referir a um deserto com determinadas características é usando a expressão σκυθῶν ἐρημία (deserto dos citas ou deserto da Cítia), em que o genitivo σκυθῶν exerce a função de adjunto adnominal. Essa expressão é encontrada na comédia *Os Acarnenses* de Aristófanes, no verso 704, para se referir a determinada pessoa que, por derivação de sentido negativo, seria uma pessoa rude, tosca, bárbara, pois ela vem de uma

¹¹ Grifos nossos.

região desértica nos mais amplos sentidos: em que não há condições climáticas para o cultivo de gêneros alimentícios necessários à fixação da população e, em decorrência dessa limitação, não fincam raízes locais de modo a constituírem uma organização política.

Se pensarmos na relação de Atenas com o multiculturalismo das regiões não atenienses, muitas delas, inclusive, bastante distantes, veremos que a região da Ática sempre esteve propícia a voltar seus olhos para o outro e para o novo. A épica homérica, por exemplo, desemboca no palco ateniense não somente pelos temas mitológicos, pelas grandes linhagens de um passado distante, mas pela absorção de modelos de narrativas, alusões, expressões dialetais, todos eles gestados numa região para além do território ático, da qual os poetas, de certa maneira, apropriaram-se e se encarregaram de difundir como patrimônio linguístico e cultural da Hélade. Especificamente falando, muito embora atenienses e espartanos tenham tido desavenças políticas extremamente graves, que geraram a famosa Guerra do Peloponeso, isso não impediu os dramaturgos atenienses de terem adotado nas passagens líricas da tragédia o dialeto dórico falado na região do Peloponeso, por considerarem tal dialeto mais lírico, quer dizer, mais afeito ao canto e à música do que o dialeto ático, destinado às partes dialogadas.

É de se supor que, pela narrativa do mensageiro, Etéocles tenha tido seu momento de intercâmbio e sido hóspede na Tessália, provavelmente tendo assistido a jogos atléticos como parte de sua recepção formal e oficial, conquanto não saibamos sob os auspícios de qual família nobre Etéocles estabeleceu seu intercâmbio.

Um dado sobre esse herói trágico é que ele tem um passado historicamente interessante. O rumor de sua “existência” pode ser encontrado na idade do bronze, algo em torno do século XVI a. C., num tratado de hipologia que pertence aos povos hititas, que estabeleceram seu povoado na Anatólia, mas que mantinham intercâmbio com os povos do outro lado do mar Egeu. Os hititas desenvolveram a técnica de manuseio das carruagens de combate, composta por dois cavalos e guiadas por um guerreiro. Nas tabuletas hititas, há o registro das relações que eles mantinham com os achaiwoi (os aqueus ou micênicos), principalmente no que diz respeito aos assuntos de ordem equestre para fins militares. De acordo com Vernant (1981, p. 11-2) “os antigos documentos reais de Hattusa, entre outras menções da Ahhiyawa (a Acaia), citam a permanência de príncipes aqueus, entre os quais Tawagalawas, vindos à corte para aí se aperfeiçoar na condução do carro”. Tawagalawas é irmão do rei de Ahhiyawa (a Acaia), um nome que foi conectado a um nome grego: Eteuokleues, ou seja, Etéocles.

A propósito do combate entre os irmãos: embora Etéocles tenha aplicado a tática tessálica contra Polínicos, ela não resultou em ferimento letal; mesmo caído, Polínicos conseguiu sacar de sua espada e golpear o irmão; ambos morreram um pela mão do outro, conforme predizia a maldição que Édipo impetrou contra eles.

Eteocles by Euripides: military tactics or ethnic prejudice?

ABSTRACT: This work discusses a specific excerpt of the tragedy *The Phoenician women* by Euripides that narrates the duel between Eteocles and Polynices, two brothers fighting each other for the throne of Thebes. This controversial excerpt outlines an alleged ethnic prejudice that haunted the interpretation of textual criticism in the Antiquity. Yet, based on ancient manuscripts and modern textual criticism, we will understand that it was nothing but a ruse of war learnt in a regional interchange.

Key-words: Euripides; Eteocles; Thessaly; interchange; fight.

Referências bibliográficas

- AMIECH, C. *Les Phéniciennes d'Euripide*. Paris: L'Harmattan, 2004.
- ARISTÓFANES. *As Nuvens*. Tradução e notas de Gilda M. R. Starzynki. In: *Sócrates*, coleção “Os Pensadores”, volume III, São Paulo, Abril Cultural, 1972.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza, São Paulo, 1993.
- BAILLY, M. A. *Dictionnaire Grec-Français*. Paris: Hachette, 1901.
- BRIAND, M. Hospitalités paradoxales: les jeux du rite et de la parole dans le chants III et IV de l'Odysée. In: *Gaia: revue interdisciplinaire sur la Grèce Archaïque*. no. 14, pp. 85-102, 2011.
- BURIAN, P. Myth into *Muthos*: the shaping of tragic plot. In: EASTERLIN, P. E. (Ed.). *The Cambridge Companion to Greek Tragedy*. Cambridge: University Press, 1997, pp. 178-208.
- CHANTRAINE, P. *Dictionnaire etymologique de la langue grecque*. Paris: Klincksieck, 1968.
- CRAIK, E. *Euripides: Phoenician Women*. Aris & Phillips, 1988.
- ESQUILO. *Os Sete contra Tebas*. Tradução de Donald Schuller. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2003.
- JONG, I. *A Narratological commentary on Odissey*. Cambridge: University Press, 2004.
- GARDINER, E. N. Wrestling. In: *The Journal of Hellenic Studies*, vol. 25, 1905, pp. 14-31.
- GARNER, R. *From Homer to Tragedy: the art of allusion in Greek poetry*. London: Routledge, 1990.
- GRONINGEN, B. A. Simonide et les Thessaliens. In: *Mnemosyne*, volume 1, fascículo 1, 1948, pp. 1-7.
- HERÓDOTO. *História*. Tradução de Pierre Henri Larcher. Rio de Janeiro: EbooksBrasil, 2006.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

_____. *Odisseia*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

MASTRONARDE, D. *Phoenissae*. Cambridge: University Press, 1994.

MEDDA, E. *Euripide: Le Fenice*. Milano: RCS Libri S.p.A., 2006.

LIDDELL, H. G. e SCOTT, R. *Greek-English lexicon*. Oxford: Clarendon Press, 1996.

SOMMERSTEIN, A. Tragedy and Myth. In: BUSHNELL, R. (Ed.). *A Companion to Tragedy*. Oxford: Blackwell Publishing, 2005, pp. 163-180.

TEJADA, J. V. Warfare, History and Literature in the Archaic and Classical Periods: The Development of Greek Military Treatises. In: *Historia: Zeitschrift für Alte Geschichte*, volume 2, pp. 129-46, 2004.

VERNANT, J.-P. *As origens do pensamento Grego*. São Paulo: Difel, 1981.

Data de envio: 15/09/2014
Data de aceite: 03/04/2015
Data de publicação: 03/08/2015